

# Concordância nominal no português através de Gramáticas de Estrutura Sintagmática

Luiz Arthur Pagani (UFPR)

## Resumo

As principais expressões nos sintagmas nominais do português (substantivos, determinantes e adjetivos) apresentam flexão para gênero e número.

Apresentaremos aqui duas soluções através de gramáticas de estrutura sintagmática para garantir a gramaticalidade das expressões nominais.

Pela comparação das duas versões é possível constatar que a descrição gramatical envolve um compromisso entre custos e benefícios dos recursos teóricos postulados, e que a escolha da melhor descrição sempre é uma questão metodológica.

## 1 Introdução

As principais expressões nos sintagmas nominais (SN) do português (substantivos, determinantes e adjetivos)<sup>1</sup> apresentam marcação morfológica (flexão) para gênero (masculino e feminino)<sup>2</sup> e número (singular e plural).<sup>3</sup>

Apresentaremos aqui duas soluções através de gramáticas de estrutura sintagmática para controlar a concordância do SN em português, representando a concordância:

---

<sup>1</sup>Para simplificar nossa apresentação, não incluiremos aqui o tratamento dos pronomes, já que além de manifestarem gênero e número, também flexionam em caso, o que dificultaria desnecessariamente nossos exemplos. Sobre flexão de caso no português, ver [5]. Quanto ao grau, é desnecessário dizer que existem bons argumentos para não ser considerado flexão [8, p. 224].

<sup>2</sup>Sobre a marcação morfológica de gênero em português, convém lembrar que, ao contrário do que sugere a tradição gramatical, que escolheu os termos “masculino” e “feminino”, a flexão masculina não serve exclusivamente para designar seres do sexo (biológico) ou do gênero (social) masculino, assim como a flexão feminina não designa unicamente seres do sexo ou do gênero feminino. Os termos “masculino” e “feminino”, bem com o sua generalização no termo “gênero”, foram motivados por uma certa ingenuidade (e também pela inclinação mais didática do que científica) dos primeiros gramáticos, que associaram essa marcação morfológica, ainda em Latim e mesmo antes, à coincidência de que uma boa parte dos nomes masculinos identificavam seres masculinos, assim como uma boa parte dos nomes femininos faziam referência a seres femininos. No entanto, essa observação não se sustenta, porque um nome como “mesa” não designa um ser sexuado; e mesmo entre seres sexuados, a regularidade falha: um nome como “cobra”, apesar de feminino, é usado para denotar tanto os machos quanto as fêmeas. A marcação flexional de gênero em português é arbitrária, devendo estar distribuída entre uma oposição binária marcada pelas vogais temáticas “-a”, “-e” e “-o” [2, p. 88].

<sup>3</sup>Apesar de parecer mais estável do que a marcação de gênero, a flexão de número também é uma marcação arbitrária dentro de um sistema linguístico. Mesmo que valha para muitos nomes que o plural designe uma quantidade maior do que um, alguns substantivos, como “óculos” por exemplo, designam um único objeto, ainda que esteja no plural. Além disso, a semântica dos nomes de massa (que designam coisas que não têm individualidade, como “azeite” e “areia”, é muito diferente da dos nomes individuais, como “cavalo” e “cadeira”; o plural dos primeiros designa a multiplicidade de qualidades, enquanto o plural dos últimos designa a multiplicidade de quantidade. Sobre a flexão de plural em português, ver [2, p. 92].

- ou como uma única categoria atômica com quatro valores:  $ms$ ,  $mp$ ,  $fs$  e  $fp$
- ou como uma categoria dividida em duas subcategorias com dois valores cada:  $\langle m, s \rangle$ ,  $\langle m, p \rangle$ ,  $\langle f, s \rangle$  e  $\langle f, p \rangle$

Apesar da semelhança entre suas especificações através da gramática de estrutura sintagmática (GES) independente de contexto, quando comparadas, as duas soluções apresentam diferenças que suscitam uma reflexão metateórica sobre a consequência de se escolher uma ou outra.

## 2 GES inicial para o SN

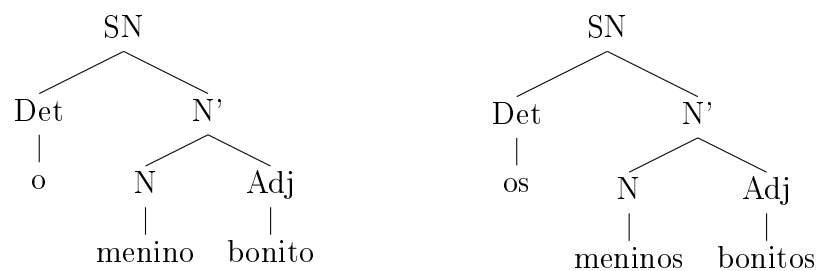
Vamos postular inicialmente uma GES bem simples para o SN.<sup>4</sup> Seu componente categorial precisa apenas de duas regras:

- $SN \rightarrow Det N'$
- $N' \rightarrow N Adj$

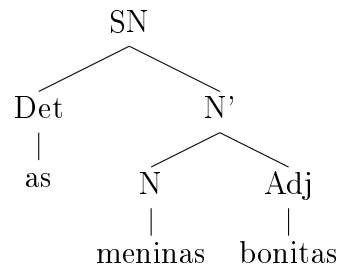
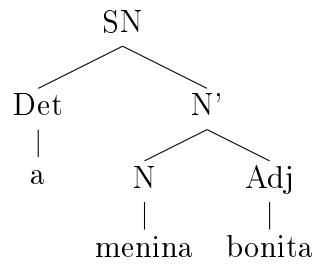
e seu componente lexical das 12 regras abaixo:

- |                        |                           |                             |
|------------------------|---------------------------|-----------------------------|
| • Det $\rightarrow$ o  | • N $\rightarrow$ menino  | • Adj $\rightarrow$ bonito  |
| • Det $\rightarrow$ os | • N $\rightarrow$ meninos | • Adj $\rightarrow$ bonitos |
| • Det $\rightarrow$ a  | • N $\rightarrow$ menina  | • Adj $\rightarrow$ bonita  |
| • Det $\rightarrow$ as | • N $\rightarrow$ meninas | • Adj $\rightarrow$ bonitas |

A partir desta pequena gramática, somos capazes de gerar os quatro SNs aceitáveis “o menino bonito”, “os meninos bonitos”, “a menina bonita” e “as meninas bonitas”, como se vê nos diagramas a seguir.

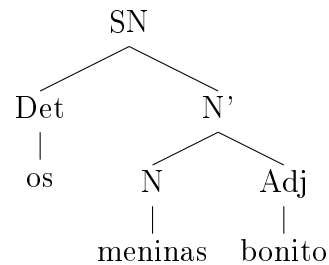
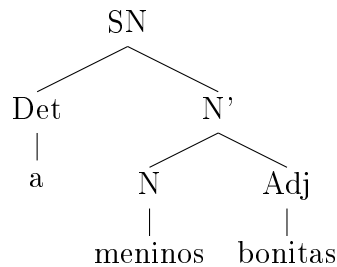
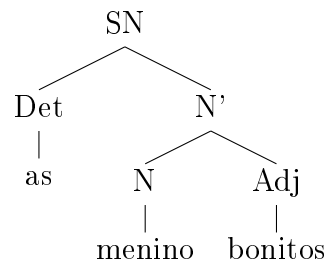
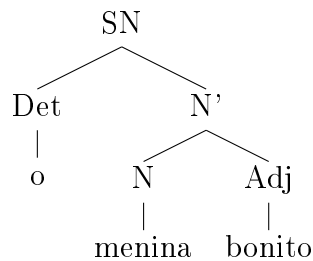


<sup>4</sup>A gramática proposta aqui não dá conta, por exemplo, da distinção entre complemento nominal e adjunto nominal. Como o objetivo aqui não é a acuidade da estrutura de constituintes, e sim a exemplificação de duas alternativas para a concordância nominal, essa imprecisão não deve afetar a presente reflexão. Para uma discussão inicial mais acurada sobre a estrutura de constituintes do SN, ver [7, ps. 88–94].



### 3 Sobregeração

No entanto, além das quatro formas aceitáveis, a gramática também gera outras 60 formas inaceitáveis (a gramática gera ao todo 64 estruturas: três posições que podem variar entre quatro valores ( $4^3$ )), dentre as quais encontramos, por exemplo:



O problema é que, em português (pelo menos na sua variedade culta), as formas do determinante, do nome e do adjetivo apresentam uma interdependência entre elas: se escolhermos o determinante “a”, temos que escolher o nome “menina” e o adjetivo “bonita”; se escolhermos o nome “meninos”, o determinante precisa ser “os” e o adjetivo “bonitos”; se escolhermos o adjetivo “bonitas”, o determinante e o nome precisam ser, respectivamente, “as” e “meninas”.<sup>5</sup>

<sup>5</sup>Nossa tradição gramatical costuma conceber a concordância nominal como um fenômeno imposto pelo nome [1, p. 296], e essa concepção continua em gramáticas modernas, já informadas da teoria linguística [3, p. 276]. Aqui vamos preferir a posição mais neutra de que a concordância nominal é uma propriedade compartilhada por todas as expressões nominais dentro de um SN, e não necessariamente imposta por uma delas.

## 4 Duas soluções para a sobregeração

### 4.1 Uma única categoria para a concordância nominal

A primeira alternativa, relativamente mais simples do que a segunda no que diz respeito à categorização, consiste em estipular quatro marcas atômicas para identificar numa única categoria as propriedades de “masculino singular” (*ms*), “masculino plural” (*mp*), “feminino singular” (*fs*) e “feminino plural” (*fp*).

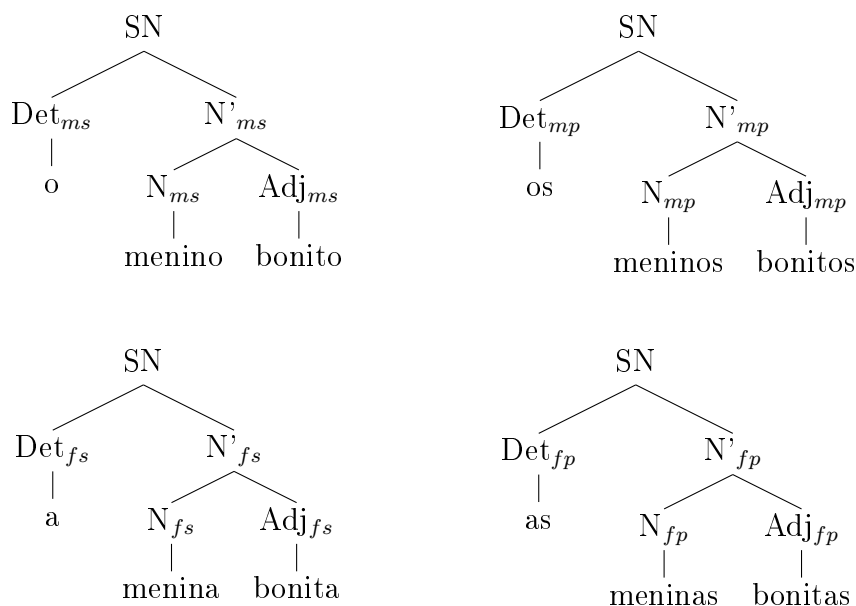
Nesta opção, a única alteração que precisamos fazer em relação às regras sintagmáticas já apresentadas é o acréscimo de uma variável para subcategorizar o determinante, o nome e o adjetivo, e garantir que todos receberão o mesmo valor (vamos chamá-la de *Conc*). Isso pode ser feito da seguinte maneira:

- $SN \rightarrow Det_{Conc} N'_{Conc}$
- $N'_{Conc} \rightarrow N_{Conc} Adj_{Conc}$

Já as regras lexicais, elas precisariam ser alteradas para registrar os novos símbolos atômicos para os quatro valores da categoria, que passariam a ser representadas da seguinte maneira:

- |                             |                                |                                  |
|-----------------------------|--------------------------------|----------------------------------|
| • $Det_{ms} \rightarrow o$  | • $N_{ms} \rightarrow menino$  | • $Adj_{ms} \rightarrow bonito$  |
| • $Det_{mp} \rightarrow os$ | • $N_{mp} \rightarrow meninos$ | • $Adj_{mp} \rightarrow bonitos$ |
| • $Det_{fs} \rightarrow a$  | • $N_{fs} \rightarrow menina$  | • $Adj_{fs} \rightarrow bonita$  |
| • $Det_{fp} \rightarrow as$ | • $N_{fp} \rightarrow meninas$ | • $Adj_{fp} \rightarrow bonitas$ |

Com as restrições que acabamos de postular, chegaríamos apenas às quatro estruturas aceitáveis:



Isso demonstra que a solução que acabamos de apresentar reduz drasticamente a sobregeração. E mais do que isso, ela prevê que seja gramatical exatamente as formas

que os falantes responderiam positivamente ao julgamento de aceitabilidade, enquanto classifica como agramatical exatamente as estruturas que os falantes reputariam como inaceitáveis.

## 4.2 Categorias distintas para gênero e número

Para esta segunda solução, as categorias de gênero e número serão controladas separadamente; assim, precisaremos de duas marcas para a subcategoria de gênero (masculino e feminino) e outras duas para a subcategoria de número (singular e plural).<sup>6</sup>

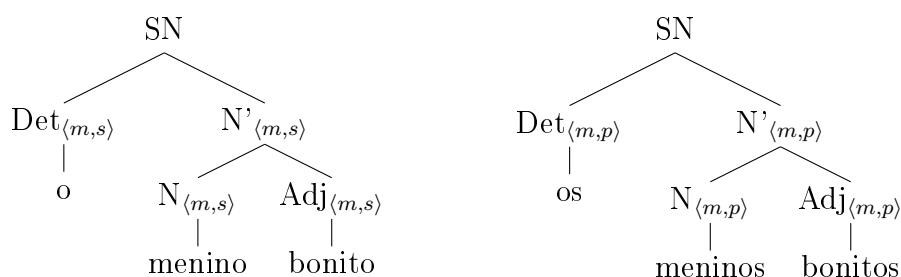
Ao contrário da solução anterior, aqui precisaremos postular duas novas variáveis (designaremos uma como *Gen* e a outra como *Num*), já que vamos usá-las para controlar as categorias de gênero e número separadamente:

- $\text{SN} \rightarrow \text{Det}_{\langle \text{Gen}, \text{Num} \rangle} \text{N}'_{\langle \text{Gen}, \text{Num} \rangle}$
- $\text{N}'_{\langle \text{Gen}, \text{Num} \rangle} \rightarrow \text{N}_{\langle \text{Gen}, \text{Num} \rangle} \text{Adj}_{\langle \text{Gen}, \text{Num} \rangle}$

Para dar conta deste controle independente, as regras lexicais também precisam ter suas categorias de gênero e número separadas:

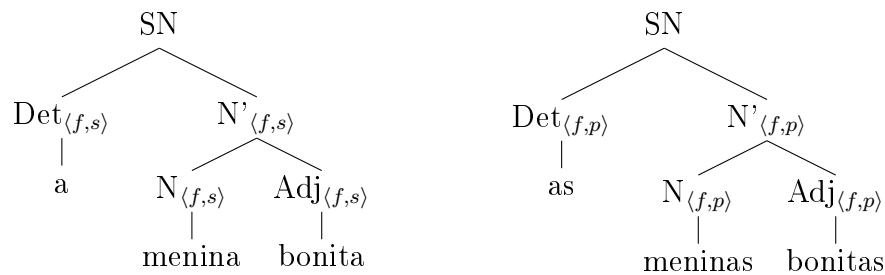
- |   |  |  |
|---|--|--|
| • $\text{Det}_{\langle m, s \rangle} \rightarrow \text{o}$  | • $\text{N}_{\langle m, s \rangle} \rightarrow \text{menino}$  | • $\text{Adj}_{\langle m, s \rangle} \rightarrow \text{bonito}$  |
| • $\text{Det}_{\langle m, p \rangle} \rightarrow \text{os}$ | • $\text{N}_{\langle m, p \rangle} \rightarrow \text{meninos}$ | • $\text{Adj}_{\langle m, p \rangle} \rightarrow \text{bonitos}$ |
| • $\text{Det}_{\langle f, s \rangle} \rightarrow \text{a}$  | • $\text{N}_{\langle f, s \rangle} \rightarrow \text{menina}$  | • $\text{Adj}_{\langle f, s \rangle} \rightarrow \text{bonita}$  |
| • $\text{Det}_{\langle f, p \rangle} \rightarrow \text{as}$ | • $\text{N}_{\langle f, p \rangle} \rightarrow \text{meninas}$ | • $\text{Adj}_{\langle f, p \rangle} \rightarrow \text{bonitas}$ |

Efetivamente, esta segunda solução apresenta os mesmos efeitos de redução da sobregeração da solução anterior, mantendo a mesma estrutura sintagmática;<sup>7</sup> assim são geradas apenas as quatro estruturas abaixo, e nenhuma a mais:



<sup>6</sup>Uma alternativa seria postular duas categorias polares, através da distinção entre marcado e não marcado. Como o gênero não marcado em português é o masculino, ele seria representado como [-GÊNERO]; o feminino corresponderia a [+GÊNERO]. Para o número, em português o não marcado é o singular ([-NÚMERO]); o plural é marcado ([+NÚMERO]). Sobre o conceito de marcação, ver [6, p. 81].

<sup>7</sup>Ou seja, elas apresentam a mesma capacidade gerativa forte (sobre capacidade gerativa, ver [4, p. 140]).



## 5 Comparação

A princípio, as duas versões parecem ser idênticas; no entanto, uma pequena reflexão pode mostrar que esta segunda alternativa tem alguma chance de ser melhor do que a primeira.

### 5.1 Nomes subspecificados para gênero ou número

Certos nomes em português apresentam uma mesma forma para os dois gêneros, como “o/a(s) dentista(s)”, ou para os dois números, como “o(s) ônibus”; isso significa que “dentista” não é especificado para nenhum gênero, enquanto “ônibus” não é especificado para nenhum número. Representando a indeterminação de uma categoria através do símbolo “\_”,<sup>8</sup> podemos escrever as regras lexicais para estas palavras da seguinte maneira:

- $N_{\langle \_, s \rangle} \rightarrow$  dentista
- $N_{\langle \_, p \rangle} \rightarrow$  dentistas
- $N_{\langle m, \_ \rangle} \rightarrow$  ônibus

Na primeira versão, precisaríamos de quatro formas vocabulares para o lexema DENTISTA e duas para o lexema ÔNIBUS:

- $N_{ms} \rightarrow$  dentista
- $N_{mp} \rightarrow$  dentistas
- $N_{fs} \rightarrow$  dentista
- $N_{fp} \rightarrow$  dentistas
- $N_{ms} \rightarrow$  ônibus
- $N_{mp} \rightarrow$  ônibus

Como é possível perceber, na primeira solução precisamos de seis itens lexicais, enquanto na segunda são necessários só três; ou seja, esta precisa de apenas metade da quantidade da outra.

### 5.2 Concordância verbo-nominal

Uma outra diferença surgiria caso também quiséssemos incluir a concordância verbo-nominal na nossa GES. Em português, um verbo no núcleo do sintagma verbal (SV) e o SN sujeito deste SV precisam concordar em número, pessoa e caso; ou seja, a concordância verbo-nominal não é sensível ao gênero.

<sup>8</sup>Sua interpretação é algo como ‘qualquer que seja o seu valor’.

Assim, uma solução do primeiro tipo exigiria regras do seguinte tipo:<sup>9</sup>

- $S \rightarrow SN_{Conc} SV_{Conc}$
- $SN_{Conc} \rightarrow Det_{Conc} N'_{Conc}$
- $SV_{Conc} \rightarrow V_{\langle i, Conc \rangle}$

que nos obrigaria a atribuir ao SV do português uma categoria que traz embutida nela a informação de feminino ou masculino. Assim, precisaríamos ter regra lexicais como:

- $V_{\langle i, ms \rangle} \rightarrow \text{correu}$
- $V_{\langle i, fs \rangle} \rightarrow \text{correu}$
- $V_{\langle i, mp \rangle} \rightarrow \text{correram}$
- $V_{\langle i, fp \rangle} \rightarrow \text{correram}$

Mas isso, apesar de tecnicamente viável (ou seja, não configura uma aplicação equivocada da ferramenta formal), não parece muito coerente enquanto descrição do português, já que atribui ao verbo uma categoria que não é pertinente para a sua descrição.<sup>10</sup>

Já com a segunda alternativa, em que as categorias de gênero e número se encontram separadas, a concordância verbal poderia se restringir exclusivamente à categoria do número (controlada pela variável *Num*, na nossa representação):<sup>11</sup>

- $S \rightarrow SN_{\langle \_ , Num \rangle} SV_{Num}$

<sup>9</sup>Novamente por simplicidade de exposição, estamos exemplificando com um SV constituído apenas por um verbo intransitivo.

<sup>10</sup>Se quiséssemos incluir ainda a concordância entre os tempos, aspectos e modos (*consecutio temporum*) teríamos também que atribuir aos nomes categorias inapropriadas para eles. A *consecutio temporum*, ou consecução de tempos verbais, é um fenômeno muito pouco estudado no português; basicamente o fenômeno está relacionado à dependência temporal entre os verbos da principal e da subordinada, como podemos observar nas sentenças abaixo.

- (1) Pedro quer que Maria  $\left\{ \begin{array}{l} \text{leia} \\ *lesse \end{array} \right\}$  a carta.
- (2) Pedro queria que Maria  $\left\{ \begin{array}{l} *leia \\ lesse \end{array} \right\}$  a carta.

Casos como os das sentenças abaixo talvez também pudessem ser classificados como de consecução de tempos, mas possivelmente elas fossem melhor classificadas com instâncias do fenômeno da regência.

- (3) Pedro descobriu que Maria  $\left\{ \begin{array}{l} \text{saiu} \\ *saísse \end{array} \right\}$ .
- (4) Pedro queria que Maria  $\left\{ \begin{array}{l} *saiu \\ saísse \end{array} \right\}$ .
- (5) Era necessário que Pedro  $\left\{ \begin{array}{l} *saiu \\ saísse \end{array} \right\}$ .

<sup>11</sup>Assim como para a categoria de caso, a concordância de pessoa só afeta os pronomes, já que determinantes, nomes e adjetivos são todos especificados apenas como de terceira pessoa. Assim, novamente para mantermos nossa apresentação simples, a concordância de pessoa também será abstraída; mas, ela também poderia ser facilmente integrada em nossa gramática, através dos mesmos recursos exemplificados aqui.

- $SN_{\langle Gen, Num \rangle} \rightarrow Det_{\langle Gen, Num \rangle} N'_{\langle Gen, Num \rangle}$
- $SV_{Num} \rightarrow V_{\langle i, Num \rangle}$

Indo um pouco além, como a concordância de gênero não extrapola o âmbito do SN (ou seja, só há concordância de gênero internamente a um SN), as regras podem ser simplificadas ainda mais, percolando para o SN apenas a informação de gênero:

- $S \rightarrow SN_{Num} SV_{Num}$
- $SN_{Num} \rightarrow Det_{\langle Gen, Num \rangle} N'_{\langle Gen, Num \rangle}$

Como se pode perceber, nenhum destes dois conjuntos de regras atribui ao SV qualquer informação relativa ao gênero, respeitando a constatação de que, no português, o SV não está sujeito a qualquer fenômeno relacionado à marcação morfológica de número.

E no que diz respeito aos itens lexicais, só precisaríamos aqui de duas regras:

- $V_{\langle i, s \rangle} \rightarrow \text{correu}$
- $V_{\langle i, p \rangle} \rightarrow \text{correram}$

## 6 Conclusão

Apesar de parecer um mero exercício para principiantes, as opções de desenvolvimento de GES para dar conta do fenômeno da concordância nominal do português apresentadas aqui servem para ilustrar como podemos discutir questões teóricas e metodológicas através da formalização da explicação do fenômeno.

Pela primeira alternativa, concebemos a concordância como o compartilhamento da mesma propriedade complexa (“feminino singular”, “masculino singular”, “feminino plural” e “masculino plural”) entre determinante, nome e adjetivo. Do ponto de vista da ontologia categorial, esta solução é mais simples, porque postula uma única categoria atômica para a concordância que assume um dentre aqueles quatro valores.

Desta mesma perspectiva da ontologia categorial, a segunda alternativa é mais complexa, já que postula duas categorias para a concordância (gênero e número), que por sua vez assumem dois valores cada (feminino e masculino, para o gênero; e singular e plural, para o número); assim, só se chega às quatro possibilidades através de uma combinatória:

$$\begin{aligned}
 &\text{gênero \& número} \\
 &= (\text{feminino} \times \text{masculino}) \\
 &\quad \& \\
 &(\text{singular} \times \text{plural}) \\
 &= (\text{feminino} \& \text{singular}) \\
 &\quad \times \\
 &\quad (\text{masculino} \& \text{singular}) \\
 &\quad \times \\
 &\quad (\text{feminino} \& \text{plural}) \\
 &\quad \times
 \end{aligned}$$



(masculino & plural)

No entanto, quando comparamos a ontologia lexical, como vimos, a segunda solução é mais econômica do que a primeira. Assim, as opções parecem ter cada uma a sua vantagem e a sua desvantagem, sugerindo que a complexidade gramatical é uma espécie de produto: onde uma alternativa ganha, a outra perde; e vice-versa.

Na observação do desempenho das gramáticas no que diz respeito à concordância verbal, contudo, a segunda alternativa aparenta uma vantagem descritiva sobre a primeira: esta impõe uma atribuição de gênero ao SV, que não se verifica em português, enquanto a outra não.

De qualquer maneira, através da formalização dos fenômenos linguísticos podemos fazer nossas escolhas metodológicas com mais clareza: se preferimos a economia categorial, a escolha mais adequada é a primeira; se a preferência for pela economia lexical e por uma maior explicitação dos conceitos linguísticos envolvidos na concordância nominal, a melhor opção é a segunda. Mas, indubitavelmente, se a preferência for pela coerência entre a teoria e os dados, a primeira alternativa não tem nenhuma chance contra a primeira.

## Referências

- [1] Evanildo Bechara. *Moderna Gramática Portuguesa*. Companhia Editora Nacional, 22a. edition, 1977.
- [2] Joaquim Mattoso Camara Jr. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Vozes, Petrópolis, décima quinta edition, 1985.
- [3] Ataliba T. de Castilho. *Gramática do Português Brasileiro*. Contexto, São Paulo, 2010.
- [4] Maximiliano Guimarães. *Os Fundamentos da Teoria Linguística de Chomsky*. Vozes, Petrópolis, 2017.
- [5] Dante Lucchesi and E. P. Mendes. A flexão de caso dos pronomes pessoais. In Dante Lucchesi, A. Baxter, and I. Ribeiro, editors, *O Português Afro-Brasileiro*, pages 471–488. EDUFBA, Salvador, 2009.
- [6] John Lyons. *Introdução à Lingüística Teórica*. Editora Nacional & EDUSP, São Paulo, 1979. Traduzido por Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel.
- [7] Carlos Miotto, Maria Cristina Figueiredo Silva, and Ruth Lopes. *Novo Manual de Sintaxe*. Contexto, São Paulo, 2013.
- [8] Luiz Carlos de Assis Rocha. *Estruturas Morfológicas do Português*. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998.